



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Couto, Márcia Thereza

Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs

Revista Estudos Feministas, vol. 10, núm. 2, jul.-dic., 2002, pp. 357-369

Universidade Federal de Santa Catarina

Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38110206>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Márcia Thereza Couto

Universidade de São Paulo

Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs

Resumo: O trabalho discute a forma como a perspectiva de gênero tem sido incorporada no âmbito dos estudos sobre dois grupos religiosos que nas duas últimas décadas têm mobilizado a atenção de cientistas sociais no Brasil e em outros países da América Latina: os pentecostais e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Por meio da leitura atenta de expressivos trabalhos sobre esses grupos com enfoque nos referenciais de gênero e pobreza, a autora argumenta que o caminho trilhado rumo a uma perspectiva analítica de gênero nesses campos ainda exige das/dos estudiosas/os uma longa empreitada, embora o esforço e a coerência do trabalho nessa direção sejam consideráveis.

Palavras-chave: gênero, pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Copyright © 2002 by Revista
Estudos Feministas

Dentre a massa de sujeitos que engrossam as fileiras das inúmeras denominações evangélicas e pentecostais, representam a base e a liderança dos grupos leigos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), superlotam as celebrações do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) e dão visibilidade às casas e aos terreiros afro-brasileiros, são as mulheres que têm maior expressividade. O duplo caráter de marginalização, mediante classe e gênero, e as possibilidades abertas por esses grupos religiosos às mulheres levam os estudiosos a buscar o entendimento da afinidade eletiva entre a mulher e a religiosidade, especialmente no contexto social da pobreza.

Seguindo a trilha acadêmica dos estudos sobre as vertentes do pentecostalismo e das CEBs, realizados no país a partir da década de 1980, pretendo discutir – mesmo que de forma não exaustiva – o modo como a problemática de gênero tem sido abordada e incorporada na produção que utiliza gênero como referencial de análise e, também, naquela que, de modo mais geral, faz alusão às diferenças de gênero na forma de participação e pertencimento dos

¹ Nos últimos anos é expressiva a produção acadêmica sobre religião e gênero, o que impossibilita uma análise mais ampla. Neste trabalho, discuto o material do levantamento realizado nas bibliotecas das seguintes instituições: Fundação Carlos Chagas, USP e PUC, em São Paulo, UFPE, em Recife, e UERJ, no Rio de Janeiro. A análise foi orientada por um duplo recorte: gênero e pobreza.

² Eliane GOUVEIA, 1986; Carmem C. MACEDO, 1986; Judith HOFFNAGEL, 1978; Marion AUBRÉE, 1985; Regina NOVAES, 1985.

³ Cecília L. MARIZ, 1994a.

⁴ HOFFNAGEL, 1978; NOVAES, 1985; AUBRÉE, 1985.

⁵ Roberta CAMPOS, 1995; Maria das Dores MACHADO, 1996; Patrícia BIRMAN, 1996; Veronique BOYER, 1995; John BURDICK, 1998; Cecília MARIZ e Maria das Dores MACHADO, 1996; Márcia T. COUTO, 2001.

⁶ MACHADO, 1996; MARIZ e MACHADO, 1996; CAMPOS, 1995.

⁷ MARIZ e MACHADO, 1996.

⁸ GOUVEIA, 1986.

⁹ Mônica TARDUCCI, 1993; Bernice MARTIN, 1998.

sujeitos nas diferentes denominações e correntes dos dois campos. Ao final, busco estabelecer um diálogo entre esses campos de investigação, ressaltando as similaridades e as particularidades da forma como cada um tem incorporado e trilhado o caminho teórico-conceitual rumo à abordagem de gênero.¹

Nos dois campos aqui analisados – pentecostalismo e CEBs – a marca das pesquisas reforça a lógica constitutiva dos estudos de gênero no Brasil: as investigações são inauguradas sobretudo por mulheres, se não ligadas à prática feminista, antenadas com seus ideários. Em outras palavras, as pesquisas em que as mulheres pobres e seus vínculos religiosos aparecem são inicialmente realizadas por acadêmicas com ou sem esses vínculos.²

Embora os estudos sobre pentecostais tenham surgido e adquirido expressividade já na década de 1960,³ é só no final da década de 1970 e início da seguinte que a preocupação com as diferenciações de gênero no interior de suas correntes começa ganhar espaço.⁴ A partir dos anos 1990, a vertente dos estudos sobre pentecostais é a que apresenta maior representatividade quanto à abordagem de gênero.⁵

Esse recorte parece resultar do intrigante e conflituoso aspecto da maior subordinação feminina, defendida por parte das denominações pentecostais, e da sua relação com a expressividade e o envolvimento das mulheres nas inúmeras denominações. Tal aspecto vem mobilizando diferentes pesquisadoras que têm apresentado interessantes análises sobre o significado de ser mulher (e de ser mulher pobre) em nossa sociedade, e o quanto essa identidade guarda relação com o padrão ideológico e cristão de gênero. As mesmas autoras que inauguraram os estudos de gênero e pentecostalismo mostraram a forte vinculação entre o tipo de papel atribuído à mulher pelo sistema de gênero dominante em nossa sociedade e as atividades religiosas. O domínio religioso configura-se como espaço propício à participação feminina. Ao enfatizarem aspectos da subjetividade feminina, alguns sugeriram que características inerentes à mulher (sempre nas condições de mãe, dona-de-casa e esposa), como docilidade, abnegação, intuição, são marcas do discurso religioso cristão.⁶

Mas, para além dessa concordância, os estudos dividem-se em duas linhas interpretativas.⁷ Uma primeira, e menos expressiva, considera que a magia e o emocionalismo presentes no pentecostalismo vêm servir para um reforço da posição subalterna da mulher na religião e na sociedade. Nessa linha, representada no Brasil⁸ e na América Latina,⁹ o pentecostalismo é tido e denunciado

¹⁰ MACHADO, 1996; MACHADO e MARIZ, 1997; BURDICK, 1998; Elizabeth BRUSCO, 1994; BRUSCO, 1997; Carol DROGUS, 1997; COUTO, 2001.

como alienante e mantenedor da opressão feminina. A segunda linha, bem mais expressiva,¹⁰ parte da relativização da categoria mulher segundo as diferentes culturas e sua posição na sociedade de classes, buscando entender o significado das trajetórias religiosas das mulheres e as possíveis transformações processadas em suas vidas. Mesmo considerando a religião como um instrumento de luta de pequeno alcance, busca-se ressaltar os benefícios obtidos em termos de uma possível diminuição da opressão feminina.

As autoras da primeira linha interpretativa mostram-se diretamente identificadas com o ideário feminista de denúncia e de luta contra a opressão e subordinação da mulher. Reconhecendo que o feminismo situa-se como movimento reivindicatório condizente com os pressupostos da modernidade e os valores individuais, torna-se compreensível o tom de crítica a um tipo de religiosidade que tem por base uma rígida divisão de esferas e valores associados aos gêneros e que, portanto, tem apenas a preocupação em quebrar a hierarquia vigente entre homens e mulheres. Mas um questionamento possível é o de saber o quanto as autoras dessa primeira linha tomaram os pressupostos e os valores do individualismo na análise do universo social da pobreza, que é plural e multifacetário, em que a lógica individualista convive com a lógica do holismo.¹¹ Assim, uma análise em que traços pertinentes dessa outra lógica não sejam contemplados, dado um recorte ou referencial mais ou menos rígido, pode desvirtuar esse universo e, mais que isso, promover interpretações por vezes desconectadas da realidade.

Seguindo os dois itinerários, observa-se que grande parte das produções, além de eleger o feminino (a mulher) como foco, privilegia o privado como esfera de referência e análise. Como exemplo, vêem-se os significativos trabalhos produzidos por Maria das Dores Machado que abordam a relação entre religiosidade e gênero, enfocando os impactos do engajamento religioso na esfera privada em temáticas relativas às relações conjugais e comportamento reprodutivo.¹² É certo que estudos recentes têm apontando para uma nova direção, qual seja, a de investigar a expressividade numérica e o poder das mulheres na esfera pública/política,¹³ mas as investigações ainda giram menos em torno do papel da mulher na hierarquia religiosa ou nas lutas políticas de maior alcance, e mais sobre os ganhos, ou não, da conversão e da adesão religiosa em termos dos interesses práticos/immediatos no cotidiano das relações familiares e da influência da orientação religiosa no comportamento reprodutivo e na sexualidade, entre outros.

¹¹ A literatura, sobretudo antropológica, que trata das relações cotidianas e familiares entre as camadas populares reconhece a cultura das classes trabalhadoras urbanas como portadora de uma racionalidade própria. Inúmeros estudos têm procurado discernir seus traços mais pertinentes e sua lógica mais profunda (Cynthia SARTI, 1996; Luiz F. D. DUARTE, 1986).

¹² MACHADO, 1996; MACHADO, 1997a; MACHADO, 1997b; MARIZ e MACHADO, 1996.

¹³ PEREIRA, 2001; MACHADO, 2001; SANTOS, 2001.

Há pouco assinalei que grande parte dos recentes estudos na linha de gênero e pentecostalismo em sociedades latinas repousa sua ênfase analítica sobre a mulher. Mesmo aqueles que seguem uma perspectiva em que se nega o reforço da subordinação feminina por meio de magia e religião, e em que a opção é pelo desvelamento da complexidade que envolve a adesão feminina aos grupos pentecostais, muito pouco do universo masculino é revelado. Nas entrelinhas de alguns estudos, o homem aparece – geralmente por intermédio da fala das mulheres – como sujeito que, pela conversão, ressignifica valores e transforma comportamentos, o que, em última instância, é desejado e reconhecido como importante pelas mulheres.¹⁴ No outro pólo – o masculino –, entre aqueles em que as vozes dos homens são enfatizadas, como é o caso do de Cecília Mariz¹⁵ sobre homens que se recuperaram do alcoolismo, e do estudo sobre executivos evangélicos de Wânia Campá,¹⁶ a abordagem de gênero é quase sempre deixada de lado e é privilegiada a condição de classe. Em outras palavras, estando os homens associados ao público e, portanto, ao campo dos que não necessitam, como minoria, de uma reparação de direitos, os estudos deixam de lado a compreensão dos homens em termos da identidade de gênero. As pesquisas com enfoque de gênero, portanto, parecem ter interesse na dimensão masculina na medida em que possam favorecer a compreensão das mulheres, como se estudos de gênero fossem apenas acerca das mulheres. Também aqui cabe pensar que, nas pesquisas em que os homens aparecem, a problemática de gênero, sobretudo quanto à relação entre o padrão ideológico hegemônico masculino e a pluralidade empírica reinante, está sempre relegada a um segundo plano, subordinada, muitas vezes, a categorias como trabalho e classe social. Mais uma vez percebe-se um reforço, mesmo que não intencional, da trajetória dos estudos de gênero no Brasil.

Desviando o foco de análise para a outra vertente em questão, as CEBs, inicio reforçando o argumento de que a emergência da problemática de gênero nos estudos é relativamente tardia. Nos balanços parciais realizados,¹⁷ essa é uma das questões problematizadas. Em contraste com esse fato, a força das mulheres nas CEBs tem sido considerada como incontestável no âmbito da própria Igreja e da literatura acadêmica especializada. É, contudo, no início dos anos 1990, que a visibilidade das mulheres nas CEBs torna-se foco central de análise em alguns estudos sob diferentes aspectos, como comportamento reprodutivo,

¹⁴ MACHADO e MARIZ, 1997; Els JACOBS e Mario De THEIJ, 1996.

¹⁸ BURDICK, 1998; DROGUS, 1997; DROGUS, 1998; MACHADO e MARIZ, 1997; Solange RIBEIRO e Lúcia LUÇAN, 1997; Maria José R. NUNES, 1994.

¹⁹ CALDEIRA, 1987.

²⁰ BURDICK, 1998.

sexualidade, conflitos familiares, ação política, entre outros.¹⁸ O que, então, gerou esse 'atraso'?

Segundo Teresa Caldeira,¹⁹ a tendência dos pesquisadores e dos próprios líderes do movimento em tomar o 'pobre' ou o 'povo' enquanto entidade genérica foi um dos fatores que contribuíram para isso. Retomando a análise de John Burdick,²⁰ vemos que só nos últimos 12 anos é que a própria liderança do movimento inicia uma reflexão de seus referenciais básicos e de suas estratégias competitivas e, com isso, abre espaço à contemplação da diversidade e pluralidade interna à noção de 'pobre' ou 'povo'.

Um outro fator, acredito, está diretamente vinculado à construção social do conhecimento. Concebendo que os fatos ou problemas legítimos de investigação respondem a um conjunto de questões complexas do campo acadêmico, do qual não estão de fora o envolvimento político e ideológico dos seus oficiantes, torna-se compreensível que a posição acadêmica de valorização do movimento católico progressista em termos de luta popular por justiça e igualdade tenha privilegiado a análise dos aspectos políticos do movimento, em detrimento de alguns outros mais relacionados à esfera do privado. Alguns autores²¹ concordam que o debate sobre as relações de gênero não constitui prioridade nas CEBs. O objetivo primeiro não é a transformação da cultura patriarcal. Sua missão é religiosa e, em segundo lugar, política. Assim, não é de estranhar que a questão de gênero tenha permanecido subordinada à questão de classe.

Explorando ainda mais a questão, emerge um outro ponto de ambigüidade e controvérsia presente nas CEBs quando se trata da problemática do engajamento feminino. Segundo alguns estudos,²² as mulheres que aderem ao movimento não o fazem segundo uma consciência de classe ou uma perspectiva ou estímulo de base feminista. Também ao contrário do engajamento no pentecostalismo, em que se tem o relato de problemas familiares, de saúde ou afetivos, a entrada nas CEBs dá-se por intermédio de conhecidos ou parentes que já se encontram no movimento e relaciona-se, antes, com a busca de tornar-se parte de um grupo, aliada ao desejo de refletir ou aprofundar a vivência da fé. Mas a vivência no grupo vem, no geral, favorecer a emergência de valores e orientações comuns que, compartilhados, redefinem a identidade no sentido de uma mobilização para ações nos campos religioso e político. A emergência de uma consciência política nas mulheres é valorizada pelo grupo. Entretanto, e aí se encontra a ambigüidade, essa transformação não é valorizada para um questionamento das normas e valores

²¹ DROGUS, 1997; DROGUS, 1998; BURDICK, 1998; JACOBS e DE THEIJE, 1996.

²² BURDICK, 1998; DROGUS, 1998; MARIZ, 1994a.

culturais do sistema de gênero dominante. Em outras palavras, se, por um lado, as CEBs enfatizam a promoção de uma consciência de classe nas mulheres, por outro, uma 'consciência de gênero' é, mais uma vez, relegada a um segundo plano. Nesse sentido, Carol Drogus²³ comenta que, se, por um lado, as CEBs procuram não promover a emergência entre as mulheres de uma agenda feminista (como por exemplo a luta pelo aborto), por outro lado, encorajam as mulheres a quebrar antigos papéis, na medida em que reforçam um sentimento de classe e cidadania.

Os aspectos até aqui levantados em torno dos estudos de gênero nos campos do pentecostalismo e das CEBs remetem a uma reflexão sobre os espaços que, em nossa sociedade, estão associados ao masculino e ao feminino. Falo aqui especialmente da clássica separação das esferas pública e privada. Com efeito, a sociedade atribui espaços, símbolos, normas e valores aos gêneros, e estes são vivenciados e tomados com significados diferentes para homens e mulheres. Ao público está associado o mundo da rua, do trabalho, da política e da economia, da reprodução social; enquanto que ao privado associa-se a família, a casa, a reprodução biológica e a sexualidade, as relações afetivas, etc. Essa dicotomia teve e ainda parece ter influência profunda tanto na formulação das questões que fundamentam os estudos abordados quanto na interpretação oferecida a essa complexa relação.

Em primeiro lugar, é notório que o slogan do movimento de mulheres "o privado é político" teve influência decisiva na configuração do enfoque dos estudos de gênero no geral e nos campos específicos aqui tratados. O objetivo de trazer para a arena pública as questões do domínio privado, tão caras às mulheres (maternidade, família, violência doméstica, regulação da sexualidade e reprodução, etc.), propiciou a abertura e o desenvolvimento de estudos de gênero com uma forte ênfase na esfera privada, dada a necessidade de questionar, denunciar e discutir a posição subalterna ou desprivilegiada da mulher nas diferentes instituições sociais. Entretanto, desse patamar unitário emergiram abordagens diferenciadas quando pensamos as duas vertentes religiosas e suas denominações: pentecostalismo e CEBs.

Por um lado, nos estudos sobre as CEBs é notória a valorização da conquista das mulheres dos espaços públicos,²⁴ traduzidos por alguns como políticos.²⁵ Por outro lado, as redefinições das relações femininas na esfera privada (familiar) são modestamente consideradas. Isso se dá, segundo John Burdick,²⁶ devido à ausência de debate e discussão no interior das CEBs de questões relativas a

²⁴ RIBEIRO e LUÇAN, 1997; MACHADO e MARIZ, 1997.

²⁵ DROGUS, 1998; NUNES, 1994.

²⁶ BURDICK, 1998.

família, gênero e sexualidade. Nos grupos de reflexão das CEBs, questões como alcoolismo, desemprego e drogas, que têm consequências diretas no cotidiano familiar e nas relações entre os gêneros, são tratadas de forma abstrata e imparcial.

²⁷ DROGUS, 1997; DROGUS, 1988; RIBEIRO e LUÇAN, 1997; BURDICK, 1998; DE THEIJE, 1999; Sonia ALVAREZ, 1990.

²⁸ DROGUS, 1998.

Nos estudos que tomam como referência a problemática de gênero nas CEBs,²⁷ as questões que dizem respeito à separação das esferas pública e privada também merecem atenção. O recente trabalho de Carol Drogus,²⁸ por exemplo, chama a atenção para a ambigüidade interna ao movimento, sobretudo no que diz respeito à separação e (des)conexão entre identidade de classe e identidade de gênero. Mas a análise da autora, entretanto, não parece avançar para além dessa constatação. O engajamento e a redefinição da identidade de gênero das mulheres e o consequente 'empoderamento' destas nos campos público/político e privado/familiar são valorizados. A busca, então, é no sentido de sua confirmação em termos empíricos. Mas é esta mesma realidade empírica/concreta que move a autora ao reconhecimento de que as transformações são bem mais perceptíveis no campo das relações com o universo público/político. Por considerar que as referências identitárias básicas dessas mulheres não são transformadas (pois ainda centram-se em uma identidade construída e referida ao privado, como donas-de-casa, mães e esposas), a análise desconhece, ou pouco procura conhecer, as consequências não intencionais e os interesses práticos alcançados pelas mulheres no campo privado/familiar. Se as transformações no privado/familiar são tidas como incipientes, cabe perguntar até que ponto isso guarda relação com o viés analítico que parece não permitir 'meias transformações' no domínio do privado, já que considera que essas devam ser efetivadas como são as que se processam no público/político. Em poucas palavras, acredito que é o olhar sobre a realidade multifacetada e polimorfa com base em um enfoque e uma perspectiva analítica centrada em valores e parâmetros fixos que parece promover um descompasso no difícil processo de entendimento da realidade social.

Quanto ao grupo dos pentecostais, como foi apontado, parte da literatura denuncia o reforço da subordinação feminina²⁹ ou sua incipiente conquista de relações mais igualitárias,³⁰ e outra parte, ao contrário, busca compreender o caráter 'não intencional' da adesão religiosa nas relações familiares e as respostas positivas aos interesses práticos das mulheres.³¹ Mas por que quase nenhum estudo dessa segunda linha utiliza termos como 'empoderamento' feminino ou alcance de 'interesses estratégicos'?³² Não estariam seguros dessas 'conquistas' ou

²⁹ GOUVEIA, 1986; TARDUCCI, 1993; MARTIN, 1998.

³⁰ Clara MAFRA, 1998; DROGUS, 1997.

³¹ MACHADO, 1996; BURDICK, 1998; MARIZ e MACHADO, 1996.

³² Constituem exceção os trabalhos de BRUSCO (1994; 1997) sobre temas relacionados a família, gênero e pentecostalismo na Colômbia.

estariam 'evitando' um possível confronto com o referencial a que se opõem? Creio não ter uma resposta para a questão, mas gostaria de pensá-la em termos de como a dicotomia público/privado parece se impor também nos estudos dessa vertente.

Por certo é a realidade que impõe as questões sobre as quais os cientistas sociais se debruçam. Mas, é certo também que são estes que 'dão forma' às questões. Ora, a realidade empírica nos mostra e nos faz reconhecer que as denominações pentecostais não buscam transformar a realidade social seja a partir de uma perspectiva de classe, seja de gênero. Mas por que, então, quando procuramos possíveis transformações nas relações de gênero, que são conseqüência do engajamento de homens e mulheres nesses grupos, o fazemos preferencialmente nas esferas associadas ao privado (casa/família/relações conjugais)? Qualquer transformação no campo público/político seria improvável? Penso que não. Alguns estudos, ainda da década de 1980 e sem trabalhar em uma perspectiva de gênero,³³ e outros mais recentes utilizando gênero como referencial analítico,³⁴ mostram a possibilidade de engajamento coletivo em projetos políticos por parte de integrantes de denominações pentecostais. Por que, então, não priorizar nesse campo investigativo as transformações que se processam entre homens e mulheres na esfera pública?

É a própria realidade de pobreza que as mulheres e os homens, pentecostais ou não, vivem que impede uma rígida separação das esferas pública e privada. A superação de uma noção de fixidade presente nas categorizações sociais acerca do masculino e do feminino parece, então, ser a porta de entrada para o entendimento das identidades pessoais construídas não por meio de esferas separadas, mas tomando como referência as trajetórias pessoais e o contexto social. As identidades de gênero passam, então, a ser examinadas levando-se em conta o caráter construído das esferas sociais nas quais circulam. Suas representações e atividades, portanto, passam a ser situadas cultural e historicamente.

Abordando o enfoque de gênero nessas vertentes de estudos sobre religiosidade popular, vale a pena refletir sobre a relação entre a trilha percorrida pelos estudos sobre pentecostalismo e CEBs e a trajetória mais geral dos estudos de gênero no Brasil. Parece que a crítica do privilegiamento do aspecto de construção social do masculino e do feminino em detrimento do caráter relacional inerente à categoria aproxima os dois campos aqui discutidos com o campo geral dos estudos de gênero no país.

³³ NOVAES, 1985; AUBRÉE, 1985.

³⁴ PEREIRA, 2001; SANTOS, 2001; MACHADO, 2001.

³⁵ Maria Luiza HEILBORN e Bila SORJ, 1999; Marilda SILVA et al., 1989; Mary G. CASTRO e Lena LAVINAS, 1992; Cláudia FONSECA, 1997; Mireya SUÁREZ, 1997.

³⁶ SILVA et al., 1989.

³⁷ MACHADO, 1992.

³⁸ HEILBORN e SORJ, 1999.

³⁹ SCOTT, 1991, p. 4.

Dentre os diferentes balanços produzidos no país nas duas últimas décadas sobre os estudos de gênero, emerge a questão do alcance teórico da categoria diante da ex-categoría mulher.³⁵ Em outras palavras, é unânime a preocupação com a trajetória desse campo no Brasil: ao mesmo tempo que explode em visibilidade e valorização da temática da mulher, por outro lado os estudos tropeçam no aprofundamento da reflexão teórica e esbarram na reprodução de um ativismo político calcado apenas na denúncia. Se é comum a denúncia da pouca reflexão para o desenvolvimento teórico do conceito, alguns fatores diferentes, mas sempre complementares e relacionados, são arrolados para tal explicação. O fator que gostaria de pontuar é o mesmo apresentado por Marilda Silva et al:³⁶ a ênfase no isolamento no núcleo 'mulher' e o esquecimento de tratar o feminino no contexto relacional. Visto em perspectiva, o campo dos estudos sobre mulher no país é tomado por essas autoras em um *continuum* que vai da 'condição feminina' à 'relação de gênero', passando por 'papéis sexuais'. Seguindo esse panorama evolutivo, Lia Machado³⁷ mostra que a sinalização da passagem dos estudos de mulher para os estudos de gênero, sentida no final da década de 1980, traz a valorização e o estabelecimento de novas questões (o caráter relacional, o estudo das masculinidades, a crítica ao gueto, etc.), embora se perceba que o trabalho teórico de grande fôlego tenha ainda pouco apelo. É esse também o ponto crucial sobre o qual Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj³⁸ se apóiam para criticar o baixo refinamento teórico dos estudos de gênero produzidos. Para tais autoras, a sofisticação e o aprofundamento do conceito deverão ocorrer a partir de uma melhor explicitação metodológica do uso que se faz dele.

Com isso, é pertinente recuperar o argumento de Joan Scott quando adverte que a validade do posicionamento relacional nos estudos de gênero também remete à compreensão de que "a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens".³⁹ O esforço investigativo sobre as mulheres, decorrente de sua expressividade numérica e em termos de liderança nas denominações religiosas dos pentecostais e das CEBs, não deve ter como objetivo a compreensão da atuação destas no campo da religiosidade de uma forma apartada do contexto social próprio ao grupo de pertencimento, à família e à sociedade circundante, onde não apenas mulheres e homens circulam e se relacionam, mas também constroem suas identidades através do jogo relacional. Se assim procedermos, incorremos no perigo de reforçar o argumento que reifica os estudos de gênero como

do campo do 'feminino', em que o masculino emerge apenas a partir das representações e falas das mulheres, ou como mero contraponto.

Ao finalizar, gostaria de defender uma necessária caminhada rumo a uma reflexão crítica não apenas sobre a realidade empírica com que os cientistas sociais se deparam nas pesquisas, mas também (e o que parece ser mais difícil) em termos da construção/produção do conhecimento. Tão necessário quanto tratar de considerar a realidade como ambígua, multifacetada e polimorfa é tomar consciência das contradições e ambigüidades inerentes ao processo de conhecê-la e interpretá-la. Acredito que esse é um trajeto possível e necessário em todos os campos de conhecimento e, claro, também no campo dos estudos de gênero e religião.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Sonia. "Women's Participation in the Brazilian 'People's Church': a critical appraisal." *Feminist Studies*, v. 16 (1990), n. 2, p. 381-408.
- AUBRÉE, Marion J. *Voyages entre corps et esprits: Étude Comparative Entre Deux Courants Religieuses dans le Nordest Brésilien*. Thèse de Doutorat, 3ème Cycle, Université Paris VII Jussieu, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. "Mediação feminina e identidades pentecostais". *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 201-226, 1996.
- BOYER, Veronique. "Macumbeiras e crentes: as mulheres vêem os homens". *Horizontes Antropológicos*, ano 1, n. 1 (Gênero), p. 131-151, 1995.
- BRUSCO, Elizabeth. "The Reformation of Machismo: Ascetism and Masculinity among Colombian Evangelicals." In: GARRARD-BURNETT, V., and STOLL, D. (eds.). *Rethinking Protestantism in Latin America*. Philadelphia: Temple University Press, 1994. p. 143-157.
- BRUSCO, Elizabeth. "The Peace that Passes all Understanding: Violence, the Family and Fundamentalist Knowledge in Colombia." In: BRINK, Judy, and MENCHER, Joan (eds.). *Mixed Blessings: Gender and Religious Fundamentalism Cross Culturally*. New York: Routledge, 1997. p. 11-25.
- BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil: a Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- CALDEIRA, Teresa. "Mujeres, cotidianeidad y política." In: JELIN, E. (Org.). *Ciudadanía y identidad: las mujeres en los movimientos sociales latinoamericanos*. Genebra: UNRISD, 1987. p. 75-128.
- CAMPÁ, Wânia. O empresário e a fé: "homens de negócios" e expansão pentecostal. 1998. Trabalho apresentado

- na 8ª Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 1998. Mimeo.
- CAMPOS, Roberta. *Emoção, magia, ética e racionalização: as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife.
- CASTRO, Mary Garcia; LAVINAS, Lena. "Do feminino ao gênero: a construção de um objeto". In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 216-251.
- COSTA, Albertina; BARROSO, Carmem; SARTI, Cynthia. "Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto". *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, n. 54, p. 5-15, ago. 1985.
- COUTO, Márcia Thereza. *Pluralismo religioso em famílias populares: poder, gênero e reprodução*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFPE, Recife.
- DE THEIJE, Marjo. *All that is God's is Good: Anthropology of Liberationist Catholicism in Garanhuns, Brazil*. Doctoral Dissertation presented at the Utrecht University/CERES, 1999.
- DROGUS, Carol. "Private Power or Public Power: pentecostalism, base communities, and gender." In: CLEARY, Edward, and STEWART-GAMBINO, Hannah (eds.). *Power, Politics, and Pentecostals in Latin America*. New York: Westview Press, 1997. p. 55-75.
- DROGUS, Carol. *Women, Religion and Social Change in Brazil's Popular Church*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1998.
- DUARTE, Luiz F. Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- FONSECA, Cláudia. "Uma genealogia do 'gênero'". *Revista Anthropológicas*, n. 1, v. 1, 1997.
- GOUVEIA, Eliane. *O silêncio que deve ser ouvido: mulheres pentecostais em São Paulo*. 1986. Dissertação (Mestrado) – PUC, São Paulo.
- HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. "Estudos de gênero no Brasil". In: MICELI, Sérgio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS, 1999. p. 183-221.
- HOFFNAGEL, Judith. *The Believers: Pentecostalism in a Brazilian City*. PhD Dissertation, Indiana University, 1978.
- JACOBS, Els, and DE THEIJE, Marjo. *Women and Men in Brazilian Religions: Gendered Ideologies and Gendered Practices*. Paper presented at the Third BRASA Conference. Cambridge-UK, Sept, 1996.

- MACEDO, Carmem Cinira. *Tempo de Gênesis: o povo das Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MACHADO, Lia Zanotta. "Feminismo, academia e interdisciplinaridade". In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 24-38.
- MACHADO, Maria das Dores. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: Editores Associados/ANPOCS, 1996.
- _____. "Identidade religiosa e moralidade sexual entre católicos e evangélicos". In: COSTA, Albertina (Org.). *Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: FCC, 1997a. p. 173-196.
- _____. "Mulheres: da прédica pentecostal ao debate sobre sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento familiar". In: SCHPUN, M. R. *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997b. p. 169-203.
- _____. *Marina, Lílian, Benedita...: as evangélicas na política na cidade do Rio de Janeiro*. Trabalho apresentado no 3º Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia, Niterói, set. 2001.
- MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília. "Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos". *RBCS*, v. 12, n. 34, p. 71-87, 1997.
- MAFRA, Clara. "Gênero e estilo eclesial entre evangélicos". In: FERNANDES, Rubem et al. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. p. 224-250.
- MARIZ, Cecília L. *Coping with Poverty*. Philadelphia: Temple University Press, 1994a.
- _____. "Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo". In: ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994b. p. 204-224.
- MARIZ, Cecília L.; MACHADO, Maria das Dores. "Pentecostalismo e a redefinição do feminino". *Religião e Sociedade*, v. 17, n. 1-2, p. 141-159, 1996.
- MARTIN, Bernice. "From Pre to Postmodernity in Latin America: The Case of Pentecostalism." In: HEELAS, Paul. *Religion, Modernity and Postmodernity*. Oxford-UK: Blackwell Publishers, 1998. p. 102-146.
- NOVAES, Regina. "Os escolhidos de Deus". *Cadernos do ISEL*, n. 19, p. 7-84, 1985.
- NUNES, Maria José Rosado. "De mulheres, sexo e igreja: uma pesquisa e muitas interrogações." In: COSTA, Albertina;

- AMADO, Tina (Orgs.). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América latina*. São Paulo: Ed. 34, 1994. p. 175-204.
- PEREIRA, Jorge Luiz. *A liderança de mulheres evangélicas pentecostais num assentamento rural em debate*. Trabalho apresentado no 3º Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia, Niterói, set. 2001.
- RIBEIRO, Solange; LUÇAN, Lúcia. *Entre (in)certezas e contradições: práticas reprodutivas entre mulheres das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica*. Rio de Janeiro: NAU, 1997.
- SANTOS, Maria Goreth. *A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino*. Trabalho apresentado no 3º Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia, Niterói, set. 2001.
- SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS/CORPO, 1991.
- SILVA, Marilda; GROSSI, Mirian; MIGUEL, Sônia; MALUF, Sônia. *O conceito de gênero: um novo coração de mãe nas pesquisas sobre mulher?* Trabalho apresentado no 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1989.
- SUÁREZ, Mireya. "A problematização das diferenças de gênero e a antropologia." In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 31-48.
- TARLUCCI, Monica. "Pentecostalismo y relaciones de género: una revisión". In: FRIGÉRIO, Alejandro. *Nuevos movimientos religiosos*. Buenos Aires: Centro Editorial de America Latina, v. 1, p. 81-86, 1993.

[Recebido em outubro de 2001 e aceito para publicação em maio de 2002]

On the Gender Track: Pentecostal Groups and the Christian Base Communities – CEBS

Abstract: The present study discusses the incorporation of a gender perspective to the study of two religious groups that for the last two decades have called the attention of social scientists in Brasil and in other Latin American countries: the Pentecostal groups and the Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Researching relevant studies about these groups, focusing on gender and poverty, the author argues that, although the effort and coherence of recent research are considerable, the deployment of a gender perspective is still very incipient and deserves closer attention.

Key words: Gender, Pentecostalism, Christian Base Communities (CEBs).